

Índice

A Manhã do Banho	9
Luar	13
A Floresta Fantasmagórica	15
O Pato-Rabilongo	21
Berenice	27
O Prado	37
Brincar a Veneza	41
Calmaria	47
O Gato	53
A Gruta	59
A Estrada	65
O Solstício de Verão	69
A Tenda	77
O Vizinho	83
O Roupão	95
A Grande Salsicha de Plástico	103
O Barco dos Bandidos	113
A Visita	119
Minhocas para Isco e Outros Animais Tristes	127
A Tempestade de Sophia	135
O Dia Perigoso	145
Em Agosto	151



A Manhã do Banho

Era uma manhã muito quente no início de julho, e tinha chovido durante a noite. A rocha nua fumegava, mas a humidade que cobria o musgo e as fendas intensificara todas as cores da paisagem. Por baixo do alpendre, a vegetação rasteira, ainda abrigada pela sombra matinal, era como uma floresta tropical repleta de folhas e flores malignas, e ela tinha de se acautelar para não as partir enquanto prosseguia a sua busca. Enquanto isso, mantinha a mão sobre a boca e temia constantemente perder o equilíbrio.

— O que estás a fazer? — perguntou a pequena Sophia.

— Nada — respondeu a avó. Porém, logo acrescentou, zangada: — Quer dizer, ando à procura da minha dentadura postiça.

A criança desceu do alpendre e perguntou com toda a naturalidade: — Onde a deixaste cair?

— Aqui — disse ela. — Eu estava neste mesmo sítio quando ela me caiu algures no meio das peónias.

A neta tratou de ajudar a avó a procurar a dentadura.

— Deixa-me procurar sozinha — disse Sophia. — Mal te aguentas de pé. Vá, sai daqui.

A menina meteu-se por baixo do telhado florido do jardim e rastejou por entre os ramos e caules verdes. Ali, rente à terra preta e macia, tudo era bonito e misterioso, e depressa avistou os dentes brancos e cor-de-rosa: toda uma bocarra cheia de dentes velhos.

— Já a encontrei! — gritou a criança, levantando-se. — Põe-na na boca.

— Está bem, mas não podes ver — disse a avó. — É um ato privado.

Sophia segurou a dentadura postiça atrás das costas.

— Quero ver-te a pô-la — insistiu.

A avó pôs a dentadura. Entrou-lhe na boca com toda a facilidade, e não havia, de facto, mais nada a acrescentar. Assunto encerrado.

— Quando vais morrer? — perguntou a criança.

E a avó respondeu: — Em breve. Mas não tens nada que ver com isso.

— Porquê? — perguntou a neta.

A avó não respondeu e atravessou os rochedos em direção à ravina.

— É proibido ir para aí! — bradou Sophia.

A velhota respondeu-lhe com desdém: — Eu sei. O teu pai não nos deixa ir à ravina, é certo, mas vamos até lá de qualquer maneira, porque ele está a dormir e não tem como saber onde fomos ou deixámos de ir!

Seguiram em frente, pelos rochedos. O musgo estava escorregadio, o Sol já bastante alto, e tudo soltava vapor. A ilha, agora coberta por uma névoa luminosa, estava muito bonita.

— Vão abrir um buraco? — perguntou amistosamente a criança.

— Sim. Um grande buraco — retorquiu a avó, que acrescentou de forma insidiosa: — Grande que chegue para cabermos lá todos.

— Porquê? — perguntou a criança.

Caminharam em direção ao cabo.

— Nunca vim até tão longe — disse Sophia. — E tu?

— Eu também não — admitiu a avó.

Dirigiram-se ao cabo, onde a parede rochosa descia até à água em patamares cada vez mais escuros. Cada degrau rumo às trevas estava rodeado por uma franja verde-clara de algas que baloiçava para a frente e para trás conforme o movimento da água.

— Quero tomar banho — disse a criança. Esperava deparar com oposição por parte da avó, mas tal não aconteceu. Assim sendo, despiu-se lentamente e com nervosismo. Não se pode confiar em pessoas que permitem que certas coisas aconteçam. Enfiou as pernas na água e disse: — Está fria.

— Claro que está fria — ripostou a velhota, que tinha a cabeça noutro lugar. — Estavas à espera de quê?

A criança enfiou-se na água até à cintura e aguardou com expectativa.

— Nada um bocadinho — disse a avó. — Sabes nadar.

É fundo, pensou Sophia. Ela esquece-se de que nunca nadei em águas profundas sem ninguém ao meu lado. E, por isso, saiu da água, sentou-se no rochedo e afirmou: — Parece que hoje vai ser um belo dia.

O Sol estava ainda mais alto no céu. A ilha inteira e o mar brilhavam, e o ar estava muito leve.

— Sei mergulhar — disse Sophia. — Sabes qual é a sensação de mergulhar?

— Claro que sei — respondeu a avó. — Esquecemos tudo e preparamo-nos para nos lançarmos à água e mergulhamos. Pronto, tão simples quanto isso. Sentimos as algas nas pernas, e as algas são castanhas e a água é límpida, mais luminosa perto da superfície, e tem muitas bolhas de ar. E deslizamos. Sustemos a respiração e deslizamos e vimos à tona de água, subimos à superfície e soltamos o ar. E depois flutuamos. Flutuamos, simplesmente.

— E sempre com os olhos abertos — disse Sophia.

— Claro. Ninguém mergulha de olhos fechados.

— Acreditas que sei mergulhar sem eu to mostrar? — perguntou a criança.

— Sim, sim, claro que acredito — disse a avó. — Vá, veste-te, e ainda voltamos antes que ele acorde.

O primeiro cansaço aproximava-se. Quando chegarmos a casa, pensou ela, quando já estivermos lá dentro, acho que vou fazer uma sesta. E tenho de me lembrar de lhe dizer que esta criança ainda tem medo de águas profundas.

Luar

Numa noite de lua cheia em abril, o mar cobriu-se por inteiro de gelo. Sophia acordou e lembrou-se de que haviam regressado à ilha e tinha uma cama só para ela, porque a sua mãe morrera. O forno a lenha ainda estava aceso e as chamas lambiam o teto, onde as botas estavam penduradas a secar. Saltou para o chão, que estava muito frio, e olhou pela janela.

O gelo estava negro, e no meio do gelo viu o forno aberto e as chamas e as duas portinholas do forno, muito próximas uma da outra. Na segunda janela, as duas fogueiras ardiam debaixo de terra, e pela terceira janela viu um reflexo duplo de todo o quarto, com arcas e baús e caixas com tampas escancaradas, cheios de musgo e neve e erva seca, todos eles abertos, com fundos de sombra preta como carvão. Viu duas crianças nos rochedos, e entre elas a sorveira. O céu estava azul-escuro.

Deitou-se na cama e olhou para o fogo que dançava no teto, e com o passar do tempo a ilha acercou-se da casa. Mais e mais. Estavam a dormir num prado costeiro, com flocos de neve nas cobertas, e abaixo deles o gelo escureceu e começou a deslizar. Um canal abriu-se muito lentamente no chão, e o rio de luar arrastou com ele todas as malas. As malas estavam abertas e cheias de escuridão e musgo, e nunca mais as viram.

Sophia estendeu a mão e puxou a trança da avó com muita gentileza. A avó acordou de imediato.

— Ouve — sussurrou Sophia —, vi dois lumes acesos na janela. Porquê dois e não um?

A avó pensou por um instante e respondeu: — Porque temos janelas duplas.

Algum tempo depois, Sophia perguntou: — Tens a certeza de que a porta está trancada?

— Está aberta — disse a avó. — Está sempre aberta. Podes dormir descansada.

Sophia enrolou-se na coberta. Deixou que a ilha inteira flutuasse no gelo em direção ao horizonte. Um momento antes de adormecer, o seu pai levantou-se e atirou mais lenha para dentro do forno.